

ALÉM DOS MUROS

Acompanhamento Terapêutico
como Política Pública de
Saúde Mental e Direitos Humanos

Márcio Mariath Belloc
Károl Veiga Cabral
Analice de Lima Palombini
Rafael Wolski de Oliveira
Stelamaris Glück Tinoco
(Organizadores)

Série Atenção Básica e Educação na Saúde

**Márcio Mariath Belloc
Károl Veiga Cabral
Analice de Lima Palombini
Rafael Woslki de Oliveira
Stelamaris Glück Tinoco
Organizadores**

**ALÉM DOS MUROS
Acompanhamento Terapêutico como Política Pública de Saúde
Mental e Direitos Humanos**

**1ª Edição
Porto Alegre/RS, 2017
Rede UNIDA**



SUMÁRIO

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Júlio César Schweickardt

Coordenação Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Alcindo Antônio Ferla – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ángel Martínez-Hernández – Universitat Rovira i Virgili, Espanha

Angelo Steffani – Universidade de Bolonha, Itália

Ardigó Martino – Universidade de Bolonha, Itália

Berta Paz Lorido – Universitat de les Illes Balears, Espanha

Celia Beatriz Iriart – Universidade do Novo México, Estados Unidos da América

Denise Bueno – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Dora Lucia Leidens Correa de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Emerson Elias Merhy – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Francisca Valda Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Izabella Barison Matos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Heider Aurélio Pinto – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

João Henrique Lara do Amaral – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Julio César Schweickardt – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil

Laura Camargo Macruz Feuerwerker – Universidade de São Paulo, Brasil

Laura Serrant-Green – University of Wolverhampton, Inglaterra

Leonardo Federico – Universidade de Lanus, Argentina

Lisiane Böer Possa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia, Brasil

Luciano Gomes – Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Mara Lisiane dos Santos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Márcia Regina Cardoso Torres – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil

Marco Akerman – Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luiza Jaeger – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – Universidade Federal do Pará, Brasil

Renan Albuquerque Rodrigues – Universidade Federal do Amazonas/Parintins, Brasil

Ricardo Burg Ceccim – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rodrigo Tobias de Sousa Lima – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil

Rossana Staeve Baduy – Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Simone Edi Chaves – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Sueli Goi Barrios – Ministério da Saúde – Secretaria Municipal de Saúde de Santa Maria/RS, Brasil

Túlio Batista Franco – Universidade Federal Fluminense, Brasil

Vanderléia Laodete Pulga – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Vera Lucia Kodjoaglanian – Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil

Vera Rocha – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Diagramação

Diego Marengo

Revisão

Analice de Lima Palombini

Capa

Detalhe da obra de Márcio Mariath Belloc "Composição 1"

(tinta acrílica sobre tela).

Comissão Executiva Editorial

Janaina Matheus Collar

João Beccon de Almeida Neto

Projeto gráfica Capa e Miolo

Editora Rede UNIDA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

A367 Além dos muros : acompanhamento terapêutico como política pública de saúde mental e direitos humanos [recurso eletrônico] / Márcio Mariath Belloc ... [et al.] organizadores. – 1.ed. – Porto Alegre : Rede UNIDA, 2017. 269 p. : il. – (Série Atenção Básica e Educação na Saúde)

ISBN: 978-85-66659-89-4
DOI: 10.18310/9788566659894

1. Acompanhamento terapêutico. 2. Saúde mental. 3. Políticas públicas de saúde. 4. Reforma psiquiátrica. 5. Desinstitucionalização. 6. Pessoal de saúde – Saúde mental. I. Belloc, Márcio Mariath. II. Cabral, Károl Veiga. III. Palombini, Analice de Lima. IV. Oliveira, Rafael Wolski de. V. Tinoco, Stelamaris Glück. VI. Série.

CDU: 616.89
NLM: W/M105

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Copyright © 2017 by Márcio Mariath Belloc, Károl Veiga Cabral, Analice de Lima Palombini, Rafael Wolski de Oliveira e Stelamaris Glück Tinoco.

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS Fone: (51) 3391-1252

Apresentação Além dos Muros – *Károl Veiga Cabral*.....09

A ética da diferença ou simplesmente algumas histórias antimani-comiais – *Cristiane Knijnik, Beatriz Adura*.....19

A cidade como possibilidade de vida para usuários egressos de lon-ga permanência de um hospital psiquiátrico localizado no Brasil – *Eufrazia dos Santos Diogo Dahlstrom, Daniela Conceição Faiet, Rafael Wolski de Oliveira, Simone Chandler Frichembruder*.....33

Tecendo Redes: modos de habitar a cidade – *Analice de Lima Palom-bini, Juliana Cordeiro Krug, Rafael Wolski de Oliveira*.....41

O acompanhamento terapêutico na desinstitucionalização – *Ana Paula Carvalho da Costa*.....47

As redes e os muros da cidade: andanças no acompanhamento ter-apêutico – *Analice de Lima Palombini, Vera Lúcia Pasini*.....61

Morar fora do manicômio: Desinstitucionalização e acompanham-ento terapêutico – *Daniele Fraga Dalmaso, Mayara Squeff Jano-vik*.....75

Encontrando-se com a cidade, encontrando a si mesmo – *Juliana Cordeiro Krug*.....87

Redes(cobertas) de um certo acompanhamento terapêutico – *Juli-ana Tavares Ferreira, Léo Jaime da Silva*.....95

O que o não-saber de Davi e Franco faz estilhaçar na cidade sat-urada de sentidos? – *Marcelo Santana Ferreira, Raphael Vaz Ro-cha*.....105



Trabalhadoras/es de Saúde Pública e Residentes Multiprofissionais: o acompanhamento terapêutico na direção da Desinstitucionalização – *Rafael Wolski de Oliveira, Daniele Fraga Dalmaso, Stelamaris Glück Tino*.....**113**

“Pedras, plantas e outros caminhos”: o acompanhamento terapêutico e algumas de suas interfaces com o Cinema e o SUS - *Ricardo Wagner Machado da Silveira, Barbara Chiavegatti, Gabriel Gonçalves Serafim Silva, Luiza Marianna Gonçalves Reis, Marina Arantes Silva, Olivia de Freitas Oliveira, Vivian de Sá Vieira, Yuji Martins Kodato, Thaís Velloso Frauentorf*.....**127**

A clínica do acompanhamento terapêutico no contexto da desinstitucionalização: desacomodando práticas – *Luiza Figueiró Petry, Fabiana Minussi Lopes, Leonardo de Santi Helena Cunha*.....**139**

A cidade como potência, errância e abrigo: Relatos e traçados do Acompanhamento Terapêutico – *Fernanda Stenert, Analice de Lima Palombini, Ana Carolina Rios Simoni*.....**155**

O dispositivo do acompanhamento terapêutico no contexto da medida de segurança: quando a chave de saída está do lado do sujeito – *Rafaela Schneider Brasil*.....**183**

Construindo modos de trabalhar em saúde mental – *Déborah Sere*.....**199**

A Rainha e o Bobo, no reino de Valdrada - Carta VII: Valdrada – *José Antônio Caruso de Lucca*.....**209**

Falam os vizinhos - Concepções sobre a loucura nos arredores do Hospital Psiquiátrico São Pedro e dos Serviços Residenciais Terapêuticos Morada São Pedro – *Livia Zanchet, Analice de Lima Palombini, Vera Lucia Sobral Resende*.....**223**

Atos em trapos de um acompanhamento em estado de performance – *Maria Albers, Márcio Mariath Belloc, Ana Lúcia Mandelli de Marsiac*.....**239**

A cidade como potência, errância e abrigo: Relatos e traçados do acompanhamento terapêutico

*Fernanda Stenert
Analice Palombini
Ana Carolina Rios Simoni*

Este texto se compõe de relatos de experiências com o acompanhamento terapêutico (AT), vividas por uma das autoras, nos dois anos de formação na Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RISMS UFRGS). São narrados os percursos trilhados na Residência no encontro com o AT, as cidades e suas redes – cenários de formação em saúde mental coletiva. O AT emerge nesses territórios de formação como uma ferramenta potente, criativa, que desacomoda, perturba e exige improvisações, fazendo pulsar o ritmo da própria vida na clínica e na formação. As experiências com o AT e com a cidade aqui narradas foram vividas no Centro de Atenção Psicossocial CAPS II Canudos, de Novo Hamburgo, e no Projeto ATnaRede, da UFRGS.

Ligado ao Instituto de Psicologia da UFRGS desde 1998, o ATnaRede constitui-se como projeto de ensino, pesquisa e extensão em torno da prática do AT, coordenado por uma das autoras deste texto. Em parceria com serviços de assistência social, saúde e justiça do município Porto Alegre, acolhe demandas oriundas desses serviços, com os quais mantém uma interlocução, no sentido de abrir espaço para discussão dos casos propostos para AT. O projeto é composto por estagiários de psicologia, extensionistas, residentes de saúde mental coletiva e mestrandos de psicologia e áreas afins. Conta com um espaço semanal de supervisão na universidade e prevê a participação em reuniões de rede e com as equipes dos serviços parceiros (Palombini et al., 2013).

Tem como campo de prática a cidade, o cotidiano, fora de quatro paredes, onde as pessoas vivem, sentem, transitam, de modo que carrega em seu bojo questionamentos das formas tradicionais da clínica. Nessa formação, é possível constituir formas de

escutar e cuidar, ao desprender-se de uma posição enrijecida da especialidade que enclausura. Nesse cenário, coloca-se em pauta a relação do AT com a Rede de Atenção Psicossocial e Intersetorial.

No trânsito pela cidade, mesmo que o at esteja enrijecido em uma posição teórica e/ou numa posição mais objetiva, normatizadora e moralizante, ele é forçado nos seus limites para uma necessária abertura. Acompanhante e acompanhado se vêm tomados pelas forças da cidade, lançados no plano das sensações (Benevides, 2007, p. 115).

O Proteto ATnaRede é uma das possibilidades de cenário de práticas da RIS/UFRGS em Saúde Mental Coletiva – dispositivo de formação que se propõe a formar profissionais de saúde capazes de trabalhar na lógica do território, produzindo em ato a Reforma Psiquiátrica. Os percursos na Residência começam com um convite a itinerâncias pelo território, a se perder pelas cidades, aventurar-se por Porto Alegre e Novo Hamburgo, deixando-se levar pelo imprevisível. Itinerâncias que visam aproximar os profissionais em formação, desde o princípio, de diferentes contextos, periferia, centro, um conjunto de labirintos, ruas que se interligam e se ramificam, teias que vão se construindo, redes que se interligam, geografia de subjetividades que ali se transformam e se comunicam, mapas subjetivos que marcam o trajeto afetivo dos habitantes.

Jacques (2001) faz um convite a criar rachaduras em nossos conceitos prévios das cidades, abrindo a possibilidade de sentir a novidade dos espaços por onde se transita. Andar por aí, perder-se, pode ser um exercício inovador, singular, de formação. Cada espaço toca de diferentes formas histórias adormecidas, recantos escondidos, mostra também algumas amarras que precisam ser desfeitas. Percebe-se a incompletude da cidade, a efemeridade de seus acontecimentos, a busca de uma unidade de formas acabadas que talvez nunca ocorram, todas passageiras e mutantes. Somos convidados a experimentar o fragmento, que tem um sentido próprio, singular, pontual, porém incompleto, inseguro, em constante construção.

Nosso processo será sempre o da repetição diferente, o labirinto do percurso, da descoberta, da surpresa, da experiência, da multiplicidade e, sobretudo, da liberdade. Isso exclui muitos outros tipos de labirintos – os que são impostos, planejados, projetados e, particularmente, os que são ortogonais, racionalistas, ou seja, cartesianos. (Jacques, 2001, p. 95)

Para o profissional em formação, essa nova relação com a cidade é imprescindível, para que possa “[...] criar a partir do que vai vivendo nas andanças, [...] inventar lidando com o inusitado” (Palombini et al., 2004, p. 13). A cidade, com sua potência, movimento e acasos, com seus espaços e tempos, é desbravada nos encontros do AT e é matéria para novas histórias, novos caminhos e possibilidades de criação.

Narrar trajetos, fotografar traçados

Narrar experiências é uma tarefa complexa. Que recortes fazer, como colocá-los no papel, utilizando somente palavras? Frequentemente, a vivência que se dá no AT extrapola as possibilidades de se transmitir em palavras, e outras linguagens se fazem necessárias. Andar pela cidade, pelos trajetos e caminhos traçados nos encontros de AT, é algo intenso. Para compartilhar essas experiências, utilizou-se também o recurso fotográfico como forma narrativa, tensionando entre a palavra e o visual, entre o discurso e a imagem, entre o verbal e o não verbal. Pela intensidade que se dá nos encontros do AT, marcados pelos traçados na cidade, as imagens parecem conseguir traduzir em parte o vivido. Cada uma das fotos utilizadas é conectada a pequenos trechos escritos, que falam dos caminhos traçados, da relação com a cidade que acolhe e também repele.

São ruas, muros, paisagens, pinturas, rasgos de momentos que acontecem, que falam dessas cenas, das pessoas envolvidas, das produções subjetivas, dos medos e angústias. São impressões do vivido, nos encontros do AT, dos trajetos realizados, partes da

cidade que conseguem falar das encruzilhadas do social e da cultura que cerca as relações. Impressões não planejadas, momentos espontâneos, surgiram com uma câmera em punho. Gomes (1996 apud Maheirie, Boein, Pinto, 2005, p. 215) coloca que “durante o registro de uma experiência, a fotografia pode provocar novas percepções, dar vazão à subjetividade que acompanha o ato de olhar e tornar imortal um momento e local registrados”.

Desse modo, a narrativa aqui feita se apresenta como uma trama de imagens e de textos, feita de fotografias, narrativas do diário de campo, escritos sensoriais que acompanham as fotografias, fragmentos de textos dos autores escolhidos e um texto que vai costurando esses heterogêneos, sem se preocupar em esclarecer ou evidenciar, mas levando o leitor a visitar os traçados e trajetos da experiência, a partir dos encontros. As diferentes dimensões de registros entrelaçam-se, cruzam-se e dialogam. Falam dos trajetos percorridos por uma residente e de suas (trans)formações a partir do encontro com o AT.

Para ler essa trama, não é preciso seguir um caminho linear do início ao fim do texto, da introdução à conclusão, da letra maiúscula ao ponto final. A proposta não é produzir entendimento, embora se possa aprender com as construções feitas. O modo de narrar que aqui se produz convoca o leitor às itinerâncias do texto, a andarilhar pelas páginas, a sentir o que pulsa no texto e refazer a rota da leitura: convoca à errância. Pode-se optar por ler as fotos, ler uma das fotos em todos os seus detalhes, ou pode-se ler apenas os escritos que as acompanham. Pode-se também ler somente as escritas do diário de campo e então voltar às imagens e voltar às escritas das imagens. Pode-se ainda pular de uma citação à outra, sem a preocupação da apreensão do conjunto. O texto convoca a não temer o fragmento, o caráter fragmentário da existência e a interagir com este diverso.

Através da narrativa de fragmentos dos acompanhamentos, são abordados elementos inerentes à clínica do AT: a temporalidade, o silêncio e as condições de acolhimento do singular, o desafio da captura dos mecanismos de controle, o questionamento da identidade, as possibilidades de pertença, a cidade como potên-

cia, errância e abrigo. Com Cesar, um dos acompanhados, entra em questão o tempo linear para aproveitar o acaso e o a cada vez. Com Anita, a AT experimenta fazer uma identidade andarilha, penetrar a cidade em sua repulsa ao diferente, desafiando seus mecanismos de controle. Com Samuel, o tempo viscoso da casa, os gritos silenciosos das paredes e a potência da cidade se experimentam para compor uma trajetória singular de memória e apropriação. Com Victor, o ritmo frenético do centro da cidade entra na cena do AT para interrogar as possibilidades de um lugar do qual se sentir parte. Nessa trama heterogênea, a Cidade aparece não como paisagem, mas como algo que nos habita. E o abrigo é um interior provisório.



Tensão entre jogos de luzes, movimentos. No ritmo frenético das ruas, o acaso faz o momento. Fios, sinaleiras, placas, indicam direções, modos de viver, de transitar, de sentir. A natureza parece dar outro sentido ao já estabelecido, tornando a imagem inacabada, aberta, fugidia.

Acompanhando as cenas narradas no corpo do trabalho, as imagens proporcionaram um exercício de deslocamento, de estranhamento do vivido, possibilitando repensar a cidade, que é construída no momento mesmo do AT. “É o aspecto desconhecido do

porvir que cria a estranheza; e o estranho é também o estrangeiro, o que nos é estranho, o que não dominamos, porque desconhecemos” (Jacques, 2001, p. 86).

A experiência errática, assim pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical. O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências (Jacques, 2012, p. 23).

Não se trata de romantizar a cidade ou o AT, mas de fazer recortes imagéticos das vivências, que extrapolam o campo do narrável, abrem-se a muitos sentidos, recriam-se a cada momento. As fotografias foram feitas sob o ponto de vista do acompanhante, atravessado por diversos regimes “que comandam os olhos do fotógrafo, afetam também seu corpo inteiro e inspiram-lhe posições, distâncias das coisas, posturas e uma dinâmica. A memória define um campo de possíveis, nos limites do qual ela orienta aquilo que o fotógrafo vê, e como ele o vê” (Rouille, 2009, p. 225). Tratou-se de pensar a fotografia, no contexto do AT, como exercício de uma errância, que acompanha os movimentos da cidade, da alteridade.

Cenas do AT: temporalidades esquecidas, subjetividades andarilhas, muros silenciosos e multidões solitárias

Em um dos dias em que vou à sua casa, D. Ana, avó de César, recebe-me como sempre. Em um certo momento, pergunto as horas, e ela responde que são meio dia e meia. Percebo que o relógio está parado e falo a ela que podemos trocar as pilhas. Fazemos a troca e olho no meu celular o horário, para acertar o relógio. São duas horas, e D. Ana fica surpresa. Parece que

a noção do tempo se perdeu, em uma repetição cotidiana, circular, que mostra também o tempo de César, outro relógio, outra lógica (Trechos do diário de campo, 2012).

No AT, a percepção de tempo e espaço se modifica, não sendo possível se guiar somente por nossa própria organização temporal. Seguimos outros ritmos, outras temporalidades, e só assim conseguimos acompanhar.

Para que possa introduzir-se como presença empática na relação com o acompanhado, à semelhança do que faz a mãe suficientemente boa, o at deve ser capaz de uma certa abstinência daquilo que é o eixo básico da constituição do seu eu – a organização espaço-temporal. Os relatos dos ats referem-se à vivência de um descompasso no tempo e à necessidade de prescindir da sua organização temporal para poder acompanhar ora o frenesi, ora a lentificação de uma temporalidade cujos parâmetros lhe escapam. (Palombini, 2007, p. 160).

É um tempo que muitas vezes não permitimos que jorre fomentando novos acontecimentos. A pressa de nossa lógica temporal coloca desafios para penetrar em outros mundos. Com certa ansiedade, a acompanhante terapêutica (at) chegava à casa de César buscando a hora certa, que a norma impõe, forçando muitas vezes um tempo que não acompanhava o ritmo da família, singular, atravessado por outra cronologia. “A cronopolítica hegemônica visa à aceleração máxima, absoluta, ao passo que a loucura não só encarna uma desaceleração (ou uma velocidade de outra ordem), mas também solicita uma desaceleração” (Pelbart, 1993. P. 39).

O tempo, então, é concebido como diferença e multiplicidade. Trata-se não apenas de que o psicótico, na sua insubordinação contra o sentido e a velocidade habitual dos fluxos urbanos,

possa sobreviver na cidade, mas que lhe seja possibilitada a manifestação de sua densidade singular, sendo necessário, para isso, acompanhá-lo em seu ritmo descompassado (Palombini et al., 2004, p. 39).



Tempo esquecido nas ruas que cercam sua casa. Espaço-tempo que a cidade excluiu, deixando na periferia as sobras do que não se quer visível. Rua que parece se perder na paisagem, que está perdida em si, espaço esquecido, assim como o tempo de César.

Vou à casa de César para irmos juntos fazer sua identidade. Ele já me esperava, ansioso pelo passeio. Antes de sairmos, vamos procurar sua carteira em seu quarto – cenário de muitos de nossos encontros, onde ouve suas músicas, descansa. Chegando ao centro da cidade, César fala um pouco de seu passado, das lembranças dos lugares, das ruas. Saímos do território conhecido de sua casa, e fomos à cidade, onde novos sentidos puderam ser produzidos, e César pareceu se sentir parte daquilo (Trechos do diário de campo, 2012).

Na maioria das vezes, os encontros se deram em sua casa, em seu quarto. Mesmo ali, no espaço pequeno, abafado e amontado de seu quarto, havia brechas, uma certa porosidade “através da qual o mundo tem entrada nele, instaurando uma interação entre o dentro e o fora, entre o quarto e o mundo” (Palombini et al., 2004, p. 74). Porém, ao percorrer a cidade, César encontra memórias, lembranças, de quando trabalhava, do nome das ruas, da localização de antigos estabelecimentos. Naquele momento, a cidade gerou rupturas no cotidiano vivido repetidamente, em seu pequeno quarto ou com a avó; a cidade lhe possibilitou lembrar-se de seu passado, de sua história.

A cidade, protagonista desses encontros, é a grande aliada no trabalho de AT, pois possibilita que o acompanhado, percorrendo sua trajetória juntamente a at, desenhe novas marcas neste contexto social. Tais marcas, por vezes, têm a força de romper com o instituído, de mudar, ainda que de modo ínfimo, o desenho deste horizonte (Cabral, 2005, p. 103)

No AT, a cidade também é protagonista da cena, com todos seus elementos: sons, movimentos, cores, cheiros, pessoas que transitam (Belloc, 2005, p. 18). Para César, ela possibilitou o resgate de suas memórias, dos lugares que marcaram sua vida, das ruas que já pareciam tão distantes e indiferentes. Transitar pela cidade foi importante, assim como pelos espaços pequenos de sua casa, pois esses espaços podem ser porosos: “Porosas podem ser tanto as paredes do consultório, quanto as paredes das casas, de tal forma que o mundo entre por elas, possibilite a experimentação da vida e não apenas construções identitárias” (Benevides, 2007, p. 109).



Pichação em um bairro de Porto Alegre. Linhas novas que transitam em paredes fixas, exigindo movimento, solicitando espaço. Criações, espaços de habitar a cidade em seu silêncio.

Labirintos da vida, da luta antimanicomial, são diferentes dos labirintos cartesianos, planejados e estruturados, que não permitem novas vivências, não respiram, não transitam e não se permitem modificar pelo contato com a alteridade. Labirintos cartesianos não se abrem ao estranho, prendem-se ao conhecido, ao estabelecido, ao dominante, excluindo qualquer outra forma de se construir que não aquelas impostas e dadas.

Uma cidade é, por excelência, o espaço da regulação e ordenação dos fluxos, fluxos de pessoas, viaturas, palavras, mercadorias, ondas de rádio e TV, dinheiro etc. Como conseguir que um Lászlo, na sua insubordinação contra o sentido e a velocidade habitual desses fluxos, não só sobreviva, mas também manifeste sua densidade singular? Talvez entendendo que ele está tocando outra música, ou compondo um ritmo novo, ou inventando um instrumento inusitado. E aí,

por mais que ele soe desafinado na orquestra da cidade, seria preciso acompanhá-lo musicalmente (Pelbart, 1993, p. 70)

No CAPS, foi desafiador começar o acompanhamento de Cesar, pois havia uma demanda crescente de atendimentos, e a atividade do at incide com a máxima intensidade sobre um único usuário (Palombini, 2004, p. 81). O AT então gera essa tensão, necessária para que transformações ocorram na forma como o serviço se organiza, para que se possa refletir sobre essa demanda desenfreada, que segue uma lógica de produção, mercantil. Cria condições de abertura “para o novo, seguir fluxos alheios, deixar-se afetar, desinvestir o narcisismo, suportar a ignorância para não precipitar um saber que aliena [...]” (Palombini et al., 2004, p. 78).

Jacques fala do arquiteto-urbano, que intervém nas novas situações urbanas já construídas com identidade própria, ocupando-se de espaço-movimento, organizando os fluxos. Pode-se pensar no trabalhador de saúde mental, que, como um arquiteto transformador, respeita os fluxos autônomos, o tempo de cada singularidade, esperando as marcas que os usuários deixam no terreno para só depois construir algo, transformar algo.

Anita, mulher andarilha, percorre diversos locais e casas de familiares, sempre retornando ao terreno do ex-marido e sua família. No mato desse terreno, encontra um espaço, um acolhimento. Uma educadora social do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e uma residente de saúde mental coletiva acompanham Anita, tentando vinculá-la a serviços de saúde. Durante alguns meses, Anita não se deixou acompanhar, pois seu passado é marcado por internações forçadas que teme ver se repetirem. A família do seu ex-marido traz a vontade de interná-la novamente. Vários serviços tentam acolher Anita, que foge dessa trama institucional e não se deixa capturar, trazendo em seu delírio suas razões e medos. Foge da pressão de um tempo que não é seu, que lhe é imposto, e sua vinculação talvez se dê por processos diferentes dos que são esperados por esses serviços.

Em uma das visitas a Anita, convidamo-la para ir ao posto de saúde. Ela inicialmente aceitou o convite, pedindo que a esperássemos tomar o café que sua ex-sogra preparava. Após beber o café, ela se levantou e fomos até o portão. Nesse caminho, Anita avisa que não irá conosco até o posto. Insistimos, ela diz não. Depois desse dia, ocorreram muitos encontros em que tentamos acompanhá-la, sem sucesso (Trechos do diário de campo, 2013).

Reuniões são feitas entre serviços, na tentativa de formar uma rede para Anita – rede com que ela não quer se deixar envolver. Anita tem seu jeito próprio de lidar com sua saúde, vive no mato, faz sua comida no fogo, toma banho por ali, esquentando a água no fogo. Ela é muito independente, andarilha, faz seus trajetos e não permite que ninguém a acompanhe. Mas inesperados ocorrem, e nossa relação sofre uma transformação.

Um dia chegamos ao portão, e a vemos de longe. Gritamos juntas seu nome, o qual pareceu ressoar naquele grande terreno. Ela vem, decidida, em nossa direção. Sua ex-sogra abre o portão, e Anita nos diz “Vocês demoraram a aparecer... Hoje irei com vocês”. Surpresa e choque, foi o que sentimos naquele momento, como se nos falasse de uma confiança construída no tempo, tempo que foge ao nosso alcance, que se situa em outra lógica. Cansada, Anita nos acompanha, aceita entrar no carro. Transitamos pela cidade, fazemos sua identidade, marcada por sua singularidade (Trechos do diário de campo, 2013).

Dentro desse processo de trabalho, essa espera foi necessária para que algo se agenciasse, no tempo de Anita.

É preciso dar tempo a essa gestação com que se confronta a loucura, a essas tentativas, a essa construção e reconstrução, a esses fracassos, a esses acasos. Um tempo que não é o tempo do relógio, nem o do sol, nem o do campanário, muito menos o do computador. Um tempo sem medida, amplo, generoso (Pelbart, 1993, p. 32).

A temporalidade vivida com Anita é da surpresa, do acaso. Em uma aproximação com o conceito de Fragmento, exposto

por Jacques (2001), essa temporalidade seguiria uma lógica fragmentária, na qual há uma necessidade de renúncia a qualquer cronologia, buscando uma familiarização com as misturas, esboços, superposições e as diversas formas resultantes de outra concepção temporal. No tempo fragmentário, o fim e o começo se misturam, opõem-se e se juntam outra vez.

O tempo – não mensurável –, ao contrário, faz parte do que não é tangível, do que é da ordem do cambiante, da surpresa; e assim como a noção de Fragmento, a noção de tempo não tem forma concreta fixa. Decerto, tudo isso lembra a temporalidade, o tempo do momento (Kairos), e não o tempo linear, calculado e previsível de Cronos, com sua imagem formal (o quadrante e um aparelho de medida, o cronômetro) (Jacques, 2001, P. 48).

Nesse dia que Anita aceitou ser acompanhada, fomos fazer sua identidade. No Tudo Fácil, envolta em um cobertor, Anita parecia não pertencer àquele universo, onde apitavam senhas de atendimento, pessoas aguardavam em filas, olhares se perdiam dentro de um circuito burocrático. Anita não se confundia com a cena, destoava dela. Trazia consigo seu jeito do mato, sua marca singular. Ao tirar a foto, Anita fez vários penteados, mexia em seu cabelo revoltado, e o atendente parecia ansioso com a situação, pedindo a ela que colocasse seus cabelos para trás. Anita acabou tirando a foto como queria, com os cabelos de lado (Trechos do diário de campo, 2013).

Acompanhar a loucura é acompanhar também ao Outro, ao que, da cultura, manifesta-se como negação da diferença, recusando-se à estranheza do laço que a psicose intenta (Palombini, 2007). Penetrar a cidade, sua repulsa ao diferente, é um exercício constante no AT, confrontando e questionando o que já está dado e naturalizado, criando rachaduras nas durezas do urbano. Coloca-se como exercício de resistência, de criação de novos mundos, construídos caso a caso, através de estratégias concretas de ação: “A resistência

[...] é vontade de outra coisa, bifurcação em relação às formas atuais do mundo e das subjetividades” (Kastrup, 2008, p. 122).

Anita resiste às lógicas predominantes, capitalistas. Resiste no seu modo de viver, nômade, andarilho. Não se fixa nos lugares, e busca na natureza um abrigo. Segue a direção do Outro urbano, que “é o homem ordinário que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano, da anestesia pacificadora” (Jacques, 2012, p. 15).

O errante não vê a cidade somente de cima, a partir da visão de um mapa, mas a experimenta de dentro; ele inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante. Essa postura crítica e propositiva com relação à apreensão e compreensão da cidade, por si só, já constitui uma forma de resistência tanto aos métodos mais difundidos da disciplina urbanística – como o tradicional “diagnóstico”, baseado majoritariamente em bases de dados estatísticos, objetivos e genéricos – quanto ao próprio processo de esterilização da experiência, de espetacularização das cidades contemporâneas e de pacificação de seus espaços públicos. (Jacques, 2012, p. 24)

Anita fala na busca de um abrigo, moradia. Cansei de passar frio, ela diz. Como um cardápio de soluções, falo da alternativa de uma pensão. Ela parece se interessar. A escuta se faz necessária, uma escuta mais sensível ao que ela traz. Como andarilha, uma institucionalização não seria uma direção. Como enfrentar o momento de não ter respostas, de ter somente a invenção como plano? Nesse momento o AT coloca um desafio, o da criação, de estar aberto a inventar uma nova forma de viver. Será que estou conseguindo ouvi-la ou estou querendo prescrever comportamentos? (Trechos do diário de campo, 2013).

Anita abriu em nós a possibilidade de “... repensar aspectos de nossa temporalidade, de nosso modo de vivenciar a história, de nossas evidências lógicas, das visibilidades incontestes, consensos políticos etc.” (Pelbart, 1993, p. 12). Ela provoca deslocamentos,

conturbações, angústias, que podem ser ferramentas no trabalho do AT, abrindo espaço para incertezas, dúvidas, a partir das quais podemos construir novas trilhas com o acompanhado.

A relação que se estabelece a partir do AT deixa então de ser de interdição e tutela e passa a ser de criação de espaços de interlocução, viabilizando o exercício do diálogo e da pactuação de diferenças. Os agenciamentos que se fazem nos territórios existenciais produzem autonomia e co-responsabilidade, de modo que os próprios acompanhados assumem o protagonismo no processo de produção de sua própria saúde (Benevides, 2007, p. 141).

Anita busca essa delimitação, uma forma de acolhimento, de cuidado, de aconchego. Esse fora que habita clama por um dentro, como Jacques (2001) coloca: abrigar é criar um interior para nele entrar, constituir uma marca entre exterior e interior. Porém, o abrigo tem a marca da provisoriidade, diferente do habitar, que traz uma ideia do durável e permanente. Essas marcas temporais diferentes marcam também Anita, que deseja se abrigar, ter um local ao qual possa retornar com acolhida; porém, que possibilite também sua liberdade e suas andanças.



Paredes que se colocam entre Anita e a cidade. Como andarilha, segue além delas, com o céu a lhe guiar. Natureza, lixo, nuvens pesadas cercam seu território e, como ponto de partida, permitem que desenhe linhas de fuga, em busca de algo.

Encontro Anita na Av. Sertório, em uma parada de ônibus. Pergunto a ela o que fazia ali, já que não pega ônibus sozinha, ela fala que estava esperando... Convido-a para caminhar, e vamos conversando. Decidimos sentar em uma pequena escada próxima a Av. Assis Brasil, abrimos o caderno que eu trouxera, e Anita começa a escrever o nome de todos os que passaram por ela, acompanham-na em algum momento. No papel, registra um pouco de sua história. (Trechos do diário de campo, 2013).

A experiência com Anita impele a construir novos territórios e delinear novos mapas, Tateando novos espaços, novas geografias:

Sua referência passou a ser basicamente uma ética: aliar-se às forças da processualidade, buscando meios para fazê-las passar, já que isto é condição para a vida fluir e afirmar-se em sua potência criadora; aliar-se a essas forças e esperar – confiando na possibilidade de que algo

venha a se agradecer e, a partir daí, um território venha a ganhar consistência, de modo que uma saúde se faça possível. (Rolnik, 1997, p. 92)

Samuel vive em uma família que não consegue mais visualizar nele nada além do uso de drogas e que o isola, sufocando seu desejo, sua voz. Assim, uma trama familiar se coloca também como enredamento sufocante, e o AT, realizado por uma dupla de residentes, tenta encontrar algumas brechas. Trabalho difícil, muitas vezes paralisante, no qual tentamos repensar que outras linhas de fuga podemos construir.

Geralmente chegamos à casa de Samuel e conversamos um bom tempo com Vilma, sua avó. O AT envolve também a família, que muitas vezes precisa desses encontros e de um espaço de escuta. A família também nos endereça demandas, e há um risco de entrar nesse circuito reforçando situações que precisam ser transformadas. (Trechos do diário de campo, 2013).

Os encontros com Samuel sempre iniciam com sua família, que nos direciona demandas, respostas. Nas conversas, algumas vezes tensas, tentamos falar sobre o AT e sobre nosso papel, dizendo também das posições que cada um ocupa na família, que acabaram se enrijecendo, não dando espaço a outras possibilidades, desejos, escutas. O trabalho é lento, e frequentemente parece retornar à estaca zero; porém, microtransformações vão se dando, invisíveis, sutis, disruptoras de outros processos. Somos acolhidos pela família, como se fôssemos “da casa”; porém, precisamos também nos desacomodar, para não engessar nossas ações ao que já parece dado e naturalizado na família.

O at torna-se então uma referência e um suporte não apenas para aquele a quem acompanha, mas também para a família que, em geral, apresenta-se cansada e/ou desesperançada quando lança mão da estratégia do acompanhamento. Dessa forma, na medida em que compartilha com a família os projetos e responsabilidades

quanto ao tratamento, o at intervém na dinâmica de funcionamento da mesma. (Benevides, 2007, p.128).



Paredes institucionalizadas, que também guardam revoluções. Janelas semi-abertas, grades que escurecem, oscilação que acompanha a vida de Samuel. Que gritos se silenciam nessas paredes? Que forças habitam essas pinturas?

Acompanhamos Samuel até a biblioteca municipal. Lá, ele anda pelos corredores, curioso, buscando autores de que lembrava, que estiveram com ele em muitos momentos. Faz sua inscrição para retirar livros e, por um momento, consegue falar do que gosta. Sair de casa, naquele dia, parece ter trazido a ele a possibilidade de falar, de se movimentar sem a vigilância de sua família. Instantes passageiros, em que a cidade pode se fazer palco para outras vivências. (Trechos do diário de campo, 2013).

Ir à biblioteca com Samuel foi um acontecimento que possibilitou um espaço para sua voz, cuja possibilidade de expressão é silenciada em sua casa. Sentimos que, nesse encontro, conseguimos abandonar nossa ideia prévia da cidade, e uma nova cidade pôde emergir, na qual mergulhamos como intérpretes não experientes. É uma aventura na qual podemos desconstruir nossa ideia da cidade,

permitindo a emergência do novo. Assim, uma transformação se dá no acompanhante, no acompanhado e na própria cidade, nesse encontro que pode, de alguma forma, promover fissuras, rupturas na cultura vigente (Belloc, 2005).

Em um dos encontros de AT, eu e Vitor vamos a uma casa com exposições de arte diversas, sem saber quais estariam expostas naquele dia. Uma das exposições traz fotos de ruas de uma região de Porto Alegre, ruas que trazem lembranças, que contam de muitas histórias que ele viveu ali. Totalmente ao acaso, encontramos algo, em um de nossos primeiros encontros de AT, um canal para poder falar de sua história, sua vida, um espaço em que sua voz consegue encontrar formas ressonantes de se expressar (Trechos do diário de campo, 2013).

Como Cabral (2005) relata, a cidade possibilita acasos que, se compreendidos em sua potência, podem ser utilizados no processo de trabalho como agenciadores de mudanças, tanto em quem acompanha quanto naquele que é acompanhado. A cidade é repleta de acasos, imprevisibilidades, que podem ser dispositivos transformadores. O AT sempre é uma descoberta. Traz em si uma potência desestabilizadora que provoca certo receio inicial, como algo que estamos conhecendo a primeira vez. Cabral fala no acontecimento como possibilidade de encontro, possível, se tivermos a coragem de viver o acontecimento e perder algo de si neste encontro com o outro, com a alteridade.

O AT se afirma, assim, como dispositivo clínico-político que é o analisador da própria clínica. Assim, as intervenções deixam de ser localizadas no analista, ficando a função de análise deslocalizada dos analisadores, que podem ser qualquer evento, situação ou pessoa com potência de catalisar os fluxos e fazê-los falar. (Benevides, 2007, p. 124).

Depois de muitos encontros desmarcados, Vitor começa a aparecer todas as semanas. Caminhamos no centro da cidade, em meio à multidão. Barulhos de ônibus, gritos de vendedores, sons

de instrumentos musicais, atravessam nossos encontros. O ritmo frenético do centro parece anestésiar Vitor de sua solidão (Trechos do diário de campo, 2013).

Caminhamos pelo centro, em meio à multidão. Ali nos tornávamos anônimos, numa proximidade constante com outros desconhecidos. Talvez nos sentíssemos parte de algo, acolhidos pelo espaço frenético que nos rodeava. Nesses encontros, em que fazíamos uma espécie de dança, afastando-nos e aproximando-nos das pessoas, sentíamos que a multidão revelava uma relação entre o anonimato e alteridade, um confronto entre diferentes (Jacques, 2012, p. 56).



Centro da cidade, luz, vida. Prédios abandonados, prédios ocupados, no movimento próprio da vida. Nela habitam imprevisibilidades, caminhos que percorremos juntos, que geram medo, insegurança, alegria e novidade. Entrar no circuito social, frenético, ritmos incessantes, como uma luta entre pessoas, carros, ônibus, ruas, tentando garantir um espaço mínimo, uma posição, um lugar no qual se sentir parte.

Nossos encontros geralmente ocorriam no centro da cidade ou em um parque, pontos que se repetiam, fixos. Será que na ver-

dade circulamos pela cidade, porém em um circuito fechado, que se repete? Conseguimos alargar os territórios, reinventar a história e a geografia da cidade e da rede? (Benevides, 2007, p. 133). Questões analisadoras do trabalho do AT, que conseguem encontrar resposta em pequenos movimentos, rupturas mínimas que Vitor foi trazendo aos encontros, um convite para tomar um café, um almoço, e ele pareceu sentir novamente sua relação com a cidade, situações e afetações que ela lhe trazia. A própria cidade foi trazendo material para Vitor perceber que novos territórios existenciais poderiam surgir desses encontros.

Desinstitucionalizar na rede do AT: dispositivo errante

Nesses trajetos do AT, deparamo-nos com levezas e durezas nos encontros com serviços, nas relações estabelecidas. As questões que nos guiaram em direção à rede se centralizaram na possível institucionalização que o CAPS provoca em seus usuários e na visão embaçada sobre planos terapêuticos singulares voltados para a autonomia do usuário e construídos com sua participação. Além disso, muitas vezes os processos de vida são aprisionados em diagnósticos endurecidos, que determinam a vida do usuário, que determinam sua forma de ser, seu prognóstico geralmente atravessado por previsões que anulam as potências, as possibilidades, as ressignificações.

O diálogo com os serviços de saúde, assistência social, pontos de cultura, esporte, lazer, entre outros, torna-se imprescindível, na tentativa de tecer uma rede de acolhimento e de possibilitar novas experiências, sensações, despertando sonhos e projetos já adormecidos. Contudo, há o risco de um aprisionamento nas tramas institucionais, de um cerco ao usuário, tanto pelos serviços como pelo AT, apagando sua singularidade. O AT pode atuar como dispositivo de deslocamento das posições inflexíveis da equipe ou como reproduzidor de dinâmicas já existentes, baseadas no poder, tutela, controle. Nos trajetos do AT, relações são firmadas com os serviços, para se constituir uma rede acessível e possível. Porém, as lógicas existentes nem sempre abarcam outras temporalidades

“[...] de modo que parece não haver muito espaço para que formulem suas próprias demandas em meio àquelas formuladas pelos serviços e setores implicados em seus acompanhamentos” (Palombiniet al., 2013, p. 6). Vivenciar esse risco constitui-se em uma ferramenta potente de formação profissional para trabalhar intersetorialmente em saúde mental (idem, p.1).

No diálogo com um CAPS II, buscou-se um acolhimento para Anita. Porém, era necessário o agendamento do acolhimento, com data e horários marcados. Conversamos sobre o tempo de Anita, que era outro, que não seria possível esse agendamento, pois ela é andarilha e transita com sua própria temporalidade. Para se abrir brechas nos serviços, muitas reuniões foram feitas, até se criar a possibilidade de atendê-la sem marcações (Trechos do diário de campo, 2013).

O desafio é propiciar as condições para um tempo não controlável, não programável, que possa trazer o acontecimento que nossas tecnologias insistem em neutralizar. Pois importa, tanto no caso do pensamento como da criação, mas também no da loucura, guardadas as diferenças, de poder acolher o que não estamos preparados para acolher, porque este novo não pôde ser previsto nem programado, pois é da ordem do tempo em sua vinda, e não em sua antecipação (Pelbart, 1993, p. 36).

Na busca de espaço para essa outra temporalidade, encontramos diversos processos que impedem o acolhimento da singularidade. O enfoque no diagnóstico, critérios para entrada ou acolhimento nos serviços, ou para permanecer em tratamento, foram algumas das questões que surgiram, gerando pequenos bloqueios, interdições, pausas. Contudo, não somente os serviços são atravessados por uma lógica regida pela velocidade, pela produção. O AT também pode se tornar uma ferramenta de institucionalização a céu aberto, “um novo dentro absolutizado” (Rolnik, 1997). Como então seguir outros caminhos, desviantes, que acompanhem o rit-

mo e a invenção da vida? Como preservar a possibilidade de uma temporalidade diferenciada, “onde a lentidão não seja impotência, onde a diferença dos ritmos não seja disritmia, onde os movimentos não ganhem sentido apenas pelo seu desfecho?” (Pelbart, 1993, p. 40, 41).

Tenta-se, há bastante tempo, o acolhimento de Samuel por algum serviço de saúde. Porém, muitas das tentativas foram frustradas, tanto pelo perfil de Samuel (não se enquadrando nos critérios do serviço), quanto pelo território (serviços que não atendiam aquela região). Em uma reunião com diversos serviços (CAPS II, Cruz Vermelha, Ambulatório de álcool e outras drogas), conversamos sobre a situação, e, a partir desse tensionamento entre diversos setores, Samuel está sendo atendido pelo Ambulatório. Encontramos vários obstáculos e emperramentos no acesso aos serviços, que muitas vezes fazem um pequeno recorte da situação, buscam um diagnóstico fechado, sem considerar o entorno, todos os fatores e questões que fazem parte da vida de Samuel, de seu cárcere, de sua mudez diante da vida (Trechos do diário de campo, 2013).

O AT pode acontecer como uma dança que, como Jacques coloca, ao relatar a experiência de Oiticica, tem um caráter fragmentário e temporal. Ele se dá a cada instante, constrói-se a cada encontro, muitas vezes com movimentos de afastamento e aproximação, como a dança, na qual os movimentos do corpo se transformam continuamente. Nos encontros, a ideia de uma temporalidade provisória, aberta, a se transformar, remete a uma concepção do tornar-se, de um devir instável, em construção.

O acompanhante segue os movimentos do acompanhado e vai sutilmente possibilitando direções, cuja autoria se dá somente no encontro, na possibilidade de uma alteridade. César, Anita, Samuel e Vitor criaram seus próprios territórios, móveis, mutantes, ao caminhar e percorrer a cidade, e, acompanhando-os, o próprio processo de implementação da reforma psiquiátrica é também acompanhado, “pondo em análise o funcionamento da rede, as formas como as comunidades locais, a começar pelas famílias, respondem à desinstitucionalização da loucura” (Palombini, 2006, p. 118).

A experiência errática pode ser vista como possibilidade de experiência da alteridade na cidade. A experiência errática seria uma experiência da diferença, do Outro, dos vários outros, o que a aproxima de algumas práticas etnográficas e posturas antropológicas. O errante, em suas errâncias pela cidade, se confronta com os vários outros urbanos (Jacques, 2012, p. 22).

Seria o AT um dispositivo errante? No andar pela cidade, andarilhar, criam-se novos espaços possíveis, que a desconstroem em seu projeto asséptico, tornando-a um lugar de encontros, de direções novas, de confrontos e conversas. No AT, o acompanhante sente a necessidade de seguir esse ritmo errante, e confunde-se com o acompanhado, pois em alguns momentos já não há mais essa distinção. O acompanhar torna-se ação recíproca, e, nele, a descoberta de uma errância transformadora.

O AT não se dá somente entre acompanhante e acompanhado, pois “na medida em que produz, amplia e/ou mapeia uma rede de relação com múltiplos atores, o AT produz modos de cuidar de tal forma que quem acompanha é a rede. [...]” (Benevides, 2007, p. 125).

[...], o acompanhamento não diz respeito a uma relação dual na qual apenas aspectos transferenciais (representacionais) estariam em jogo, mas sim graus de transversalidade, experiências de ruptura em que todos os vetores presentes nas ruas da cidade entram em jogo. A intervenção não vem mais apenas do dito acompanhante, mas da rua, ou ainda, da rede (Benevides, 2007, p. 126-7).

Nesses caminhos, o AT se afirma como dispositivo clínico-político que dispara intensidades, perguntas, possibilidades, que torna possíveis micropolíticas transformadoras necessárias à Reforma Psiquiátrica. O exercício do AT “presentifica uma exigência que a reforma psiquiátrica vem colocar a seus profissionais [...]: o fato de que uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização

coloca em jogo a desinstitucionalização da clínica mesma” (Palombini, 2006, p. 117).

Se, para desinstitucionalizar, há uma necessidade gritante de transformações culturais, é preciso um método: acompanhar os movimentos e fazer intervenções mínimas. Como o arquiteto-urbano de que nos fala Jaques, o qual produz microintervenções seguindo o fluxo espontâneo, respeitando os habitantes de diferentes subjetividades, desnaturalizando processos instituídos, reinventando-os. Assim, o AT, como dispositivo errante, leva-nos à questão: existe desinstitucionalização que não seja da clínica e da formação? Nessas narrativas errantes, interroga-se a função da rede (suas durezas e levezas), nas posições inflexíveis das equipes, nas rotinas enrijecidas dos processos de trabalho, no enfoque capturante do diagnóstico que apaga a singularidade, mas também nas aberturas possíveis que ela encontra a partir da sua insistência. É o acolhimento dessa insistência singular que leva a produzir outros modos de andar, de olhar, de sentir, de acompanhar, para produzir outros modos de cuidar.

Nesse sentido, a experiência que aqui se narra aposta no AT como ferramenta potente de desinstitucionalização da formação em saúde mental e da própria clínica e acolhe as narrativas da experiência como método para transmitir a experiência do cuidado em liberdade na cidade. Esta que nos habita em sua potência errante e que pode ofertar abrigos: interiores singulares e sempre provisórios.

Referências

Belloc MM. Ato criativo e cumplicidade. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Benevides LLMG. A Função de Publicização do Acompanhamento Terapêutico na Clínica: O contexto, o texto e o foratexto do AT. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Ciências

Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2007.

Cabral KV. Acompanhamento terapêutico como dispositivo da reforma psiquiátrica: considerações sobre o setting. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Jacques PB. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/RIO ARTE, 2001.

Jacques PB. Elogio aos Errantes. Salvador, EDFBA, 2012, 331p.

Kastrup V. Competência ética e estratégias de resistência. In: Guareschi N (org.), Estratégias de invenção do presente – a Psicologia Social no contemporâneo. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2008, p. 120-30.

Maheirie K, Boeing P, Pinto Gc. Pesquisa e intervenção por meio da imagem: O recurso fotográfico no cotidiano de varredores de rua. Revista Psico. 2005; 36(2):213-9.

Palombini AL. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. Psychê. Revista de psicanálise. (São Paulo). 2006; 10(18):115-27.

Palombini AL. Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Palombini Al, Jover ER, Richter EP, Mesquita JR, Cabral KV, Benedes LG et al. Acompanhamento terapêutico na rede pública. A clínica em movimento. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Palombini AL, Graebin E, Stenert F, Rocha LP. At em rede: tramando o singular no coletivo. 24/08/2013. Apresentação Oral realizada no II Simpósio Acompanhamento Terapêutico, Saúde Pública e Educação; Inst. promotora/financiadora: Attenda Transmissão e Clínica em AT e Psicanálise. Local: Universidade Metodista de São Paulo; (Trabalho na íntegra a ser publicado nos Anais do Simpósio).

Pelbart PP. A Nau do Tempo Rei: Sete Ensaio Sobre o Tempo da Loucura. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1993.

Rolnik S. Clínica nômade. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (org.). Crise e cidade. Acompanhamento terapêutico. São Paulo: EDUC, 1997, p.83-97.

Rouille A. A Fotografia – entre documento e arte contemporânea, Senac, São Paulo, 2009.